

UMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA

Luciane Silva de Souza CARNEIRO (UFG)¹

RESUMO: O objetivo do presente estudo é o de descrever a língua portuguesa falada por moradores da Cidade de Goiás. Para tanto, serão analisados alguns fenômenos que estão em evidência na linguagem oral de idosos acima de setenta anos de idades com pouca ou nenhuma escolaridade e que vivem na referida cidade ou localidades vizinhas. Os fenômenos tratados na região pesquisada são a ditongação > monotongação, como em *caixa* > *caxa* e a queda de sílabas átonas finais, *gente* > *gen*; *perto* > *per*; *dentro* > *den*; *parte* > *par*. A produção sobre a Cidade de Goiás faz parte de um projeto denominado “A lingüística e a História de Colonização do Estado de Goiás”, presidido pela Professora Doutora Maria Sueli de Aguiar, professora da Universidade Federal de Goiás, que pretende fazer um mapeamento lingüístico do estado. Outros trabalhos fazem parte do projeto, mapeando lugares como Rio Verde, Acaba Vida, Porangatu, Caiapônia...

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística histórica. Fenômenos. Português arcaico. Português clássico. Cidade de Goiás. Idoso.

ABSTRACT: The goal of this study is describe the Portuguese language spoken by dwellers of Goiás City. Some phenomena which are evident in the oral language produced by speakers over the age of 70 with little or no education living in the refered city or neighboring regions will therefore be analyzed. The phenomena dealt with in the region covered are diphtongization > monotogization as in *caixa* > *caxa* and the elision of final unstressed syllables, *gente* > *gen*; *perto* > *per*; *parte*>*par*. The production about Goiás City belongs to a project called “A lingüística e a História da Colonização do Estado de Goiás”, coordinated by professor Dr. Maria Sueli de Aguiar, professor at Universidade Federal de Goiás, who intends to map the state linguistically. Other pieces of research compose the project mapping other areas such as Rio Verde, Acaba Vida, Porangatu, Caiapônia,...

KEYWORDS: historical linguistic. Fenomena. Archaic portuguese. Classic portuguese. City of Goiás. Elderly.

1. Introdução

O Estado de Goiás tem suas bases fincadas no apogeu do ciclo do ouro, no século XVIII, conhecido como século das bandeiras, o que ocasionou sua formação diferenciada dos demais estados da federação, assim como ocorreu com Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo. Conseqüentemente, isso influenciou não apenas na geografia desta região, mas também na sua condição socioeconômica, educacional, judiciária, cultural, religiosa, político-administrativa e lingüística. Assim, pesquisar períodos antigos de qualquer língua é algo difícil e que exige um conhecimento apurado “sobre vários aspectos da contextualização histórica que funcionava a língua no momento estudado” (MATTOS e SILVA, 2006, p. 15)

Para Mattos e Silva, um estudo que trabalhe com a sincronia contemporânea não exige tanto quanto o trabalho que objetive mergulhar, por exemplo, no português arcaico. Por essa razão, os aspectos sociais são tão importantes, visto que possibilita visualizar como a língua é usada por uma determinada comunidade.

Não há como fugir, portanto, da observação sócio-histórica, quando o que se deseja é “fazer” lingüística histórica, como é o nosso caso. E, “fazer” lingüística histórica não é simples fato de se observar que a palavras “você” era “vossa mercê” em determinada época; é mostrar os “porquês”, os “quando” e os “como”; é buscar, sim os alicerces também na história; é descrever fenômenos e ter respaldos também e, talvez principalmente, nos documentos escritos; é, nos referindo à Tarallo (1990), ‘adentrar no túnel do tempo e fazer um itinerário histórico da língua’, mas também levar em conta a comunidade que a usa. E Lyons (1979) concorda com esta afirmação quando diz que: “o ponto de vista segundo o qual o único tipo de explicação que um historiador

¹ E-mail: lucianeunifan@yahoo.com.br

poderia dar: as línguas são como são porque, no decorrer do tempo, elas estiveram sujeitas a formas causativas internas e externas”(p. 201).

Ilari e Basso (2006), ainda acrescentam, que quando ocorreu o descobrimento do Brasil, a língua portuguesa já tinha características bem definidas e além de, na época, fixar a ortografia (entre 1536 e 1540, com as primeiras gramáticas de língua portuguesa), também contava com uma rica literatura escrita em português e isso “é resultado de uma história interna e de uma história externa que não poderiam ser ignoradas (p. 14). Tanto Mattos e Silva (2006), quanto Ilari e Bassos (2006) concordam que o olhar sobre o passado permite explicar muitas das características que estão presentes no português em uso, ou seja, os acontecimentos presente podem ser herança do passado. Nas palavras de Mattos e Silva (2006):

... o passado se esgueira pelo presente e pode clareá-lo, mesmo que se tenha, teoricamente, em muitos casos, como explicar (ou descrever?) o presente sem viagens pelo passado. Sem dúvida, para quem hoje usa e tem oportunidade de refletir sobre a língua que usa e tem oportunidade de refletir sobre a língua que usa, alguma informação histórica passada é um instrumento útil para abrir caminhos para o conhecimento de sua língua (p. 17).

No que se refere aos estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa, percebe-se que muitas pesquisas já foram realizadas. Entretanto, são ínfimas diante da gama que abrange o tema. Tais pesquisas vem apontando traços antigos que ainda permeiam o português do Brasil, como se pode observar nos trabalhos de Penha (1970) *A arcaicidade da língua popular brasileira*; Santiago Almeida (2000) *Aspectos fonológicos do Português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (Manuscritos da época das bandeiras, século XVIII)*; ambos tese de doutoramento, tendo o primeiro publicação pela Editora Iguatemi.

No trabalho de Penha (op. cit.) observa-se que há uma escassez de conseguir comprovar o que se pretendia, que era documentar traços arcaicos da língua popular brasileira escrita, buscando respaldo na literatura dos séculos XIV, XV, XVI e XVII. Já na Tese de Santiago Almeida (op. cit.), o autor coleta dados da língua falada na Baixada Cuiabana na época da pesquisa e confronta-os com os manuscritos do período do apogeu do ouro, século XVIII. Um trabalho que exigiu uma apurada pesquisa filológica.

Temos ainda várias outras pesquisas que se destacam no campo da dialetologia, entre os quais, *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O falar mineiro* (1938) e *Estudos de dialetologia portuguesa – A linguagem de Goiás* (1944), ambos de José Aparecido Teixeira. E, também vários projetos que contemplam regiões específicas do país, como é o caso do NURC (Projeto de estudo conjunto da norma lingüística urbana culta no Brasil), *Gramática do Português falado; A lingüística e a história da colonização de Goiás* (que abrange o Estado de Goiás e Tocantins).

Em Goiás, as pesquisas no campo da dialetologia e, em especial, da lingüística histórica, vem trilhando um caminho de sucesso, pois os títulos são inúmeros nestes últimos anos e entre eles encontra-se *Considerações lingüística e históricas da região de Niquelândia-Go*, de Hosamis R. Pádua (2000), que virou livro; *Cidade de Goiás: Uma perspectiva lingüística histórica*, de Carneiro (2004), entre tantos outros, os quais já priorizaram as cidades de Rio Verde, Corumbá de Goiás, Acaba Vida, Catalão, Crixás, São José do Caiamar, Caiapônia, Porto Leocádio, Amaro Leite e Porangatu. Todos, sob a influência do projeto *A lingüística e a história da colonização de Goiás*, sob a orientação da professora doutora Maria Sueli de Aguiar, cujo objetivo é coletar dados para formar um *corpus* de língua falada nos municípios que compõe o Estado de Goiás e Tocantins, analisados sob o ponto de vista da lingüística histórica.

2. Metodologia

2.1 A localidade

O município escolhido como local de pesquisa foi a cidade de Goiás, primeira capital do Estado, fundada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera Filho, em 1727 com a insígnia de Arraial de Nossa Senhora de Sant’Anna.

Localizada entre morros que forma um pequeno vale, atravessada pelo Rio Vermelho e pelo Córrego Manuel Gomes, a cidade de Goiás se tornou centro de garimpo no século XVIII. Ao leste faz limite com o morro D. Francisco, ao norte com os morros do Cantagalo, ao sul com a Serra Dourada e a oeste com outros morros

menos elevados, além do Rio Bagagem. Outros córregos em suas proximidades também contribuíram para a retirada de outro: Barra, Ferreiro, Ouro Fino, Santa Rita.

Em 1736, Nossa Senhora de Sant' Anna tornou-se sede do governo e em 1739 elevou-se à categoria de vila e veio a se chamar Vila Boa de Goiás. Dez anos depois, Vila Boa se desligou de São Paulo e se tornou Capitania de Goiás, época em que tomou posse o primeiro governador, Dom Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos. Mas somente em 1818, vila Boa passou à categoria de município e mudou o nome para cidade de Goiás, firmando-se como capital da Província até 1937, quando o título foi transferido para Goiânia.

O ciclo do ouro no Estado de Goiás acompanhou de perto o que foi descrito por Palacin (1979, p. 13) como períodos sucessivamente rápidos: descobrimento, expansão febril, apogeu e, em seguida, a súbita decadência.

Atualmente, a cidade de Goiás possui cerca de 30.000 habitantes e abrange um área de 2.261 km². Em 2001, foi transformada em Patrimônio Cultural da Humanidade e lutou contra uma forte enchente que a inundou em 31 de dezembro do mesmo ano, assim como historicamente ocorreu em 19 de fevereiro de 1839.

Construída em uma região rochosa e de clima muito quente, a cidade de Goiás, a exemplo das demais que se formaram no apogeu do ouro, não fora planejada e suas edificações foram construídas enfileiradas às margens do Rio Vermelho. Suas ruas e becos são tortuosos, estreitos e muitos deles calçados por pedras, ainda na época do império.

2.2 A pesquisa

A pesquisa realizada teve como objetivo coletar dados gravados em fita cassete e câmera de vídeo, bem como fotografias da cidade e dos entrevistados. Posteriormente, procedeu-se à transcrição dos dados e a descrição da língua oral dos entrevistados para que pudéssemos confrontar com a bibliografia existente a fim de comprovar que tais ocorriam durante o século das bandeiras e séculos anteriores.

O objetivo inicial era confrontar os dados levantados com manuscritos da época, dada a sua importância, como já mencionado anteriormente. Infelizmente, não foi possível, por várias razões, entre elas a dificuldade de acesso e o estado em que se encontravam os inscritos.

Os dados colhidos, durante as três viagens realizadas à cidade, estão devidamente catalogadas em 8 fitas, 100 fotografias e 1 fita de vídeo.

As transcrições de dados que compõem o *corpus* contaram de duas etapas: transcrição fonográfica e transcrição fonética, na qual marcamos apenas a sílaba tônica. A transcrição fonográfica tem como objetivo tornar mais acessível a leitura dos dados coletados e, por esta razão, vem logo após a transcrição fonética. Para esta última, adotamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), revisado em 1993 e atualizado em 1996.

2.2.1 Os entrevistados

As viagens realizadas em junho de 2001, março de 2003 e setembro de 2003, contribuíram para entrar em contato com 13 entrevistados, os quais foram escolhidos seguindo os seguintes critérios:

- a) idade igual ou superior a 50 anos;
- b) ser apenas alfabetizado ou não ter nenhuma escolaridade;
- c) viver na cidade ou em localidades em suas proximidades.

O mais velho dos entrevistados tinha, na ocasião, 104 anos e o mais novo 52. Desses, 2 tinham primário incompleto, 1 o ginásio, 1 o ensino médio, os demais eram não-escolarizados. Desses, não utilizaremos os dados informados pelo entrevistado com ensino médio e entre os demais, selecionaremos apenas os que tiverem idade superior a 70 anos, embora, no projeto inicial tenhamos seguido os critérios relacionados acima.

3. Análise de dados

Ao observar as transcrições dos dados que vieram a compor o *corpus* de língua falada, constantes do volume 2 da dissertação de mestrado *Cidade de Goiás: Uma perspectiva lingüística histórica*, de Carneiro (2004), percebe-se que alguns traços pertencem ao século das bandeiras (XVIII), enquanto outros ao português arcaico, mas que também aparecem alguns pertencentes aos séculos anteriores, quando da passagem da língua latina para o português.

3.1 Vogais

A geração do assilábico antes das fricativas [s] e [z] em finais tônicos é um fenômeno, de acordo com Silva Neto (1979, p. 620) e Silva Neto (1963, p. 183) que aparece na poesia romântica de Morais Silva, Cassimiro de Abreu e Gonçalves Dias, no século XVIII. Percebe-se que o português vilaboense, apresenta esse fenômeno em sua fala: ['majʃ] **mais** por **mas**, [xa'paʃ] **rapais** por **rapaz**, ['meʃ] **meis** por **mês**, [vo'seʃ] **voceis** por **vocês**, ['noʃ] **nóis** por **nós**, ['luʃ] **luis** por **luz**, ['kruʃ] **cruiz** por **cruz**, [veʃ] **veiz** por **vez**, [goj'aʃ] **Goiáis** por **Goiás**, [dɛʃ] **deiz** por **dez**, ['traʃ] **tráis** por **trás**, [a'traʃ] **atráis** por **atrás**, [a'xoʃ] **arroiz** por **arroz**, ['treʃ] **trêis** por **três**, [a'liaʃ] **aliais** por **aliás**, [purtu'geʃ] **Portuguéis** por **Português**, ['freʃ] **feiz** por **fez**, ['faʃ] **faiz** por **faz**.

Outro fator já constatado é que as vogais acentuadas, nasais ou orais, são fechadas antes de consoantes nasais. Mas, de acordo com Silva Neto (1979, p. 622), nas classes baixas ocorre a tendência de torná-las nasais, como observamos na Cidade de Goiás: [dõna] **dona** por **doná**, ['õmi] **õmi** por **homem**, ['sĩni] **cĩni** por **cine**, ['nõmi] **nõmi** por **nome**.

Acredita Silva Neto (op. cit.: 623) que esta nasalidade deve aproximar-se das vogais fortemente nasais da Beira Alta, do Minho e do Algarve, quando finais de sílaba tônica, antes de consoante inicial nasal de sílaba seguinte, sendo esse fenômeno normal em todo o território lusitano no século XVI.

Um fenômeno do português vilaboense que não se difere, em geral, do português falado em outras regiões brasileiras, é a elevação de *e* para *i* e de *o* para *u* em posição átona, seja pretônica, postônica ou final e também os monossilábicos átonos como se observa em:

e > i ['õdi] **ondi** por **onde**, ['eli] **eli** por **ele**, ['zẽti] **genti** por **gente**, [iske'sẽnu] **isqueceno** por **esquecendo**, [põdi] **podí**, [iskri'tura] **iscritura** por **escritura**, [iske'sẽnu] **isqueceno** por **esquecendo**, [is'kɛsi] **isquece** por **esquece**, [istu'dava], [istu'dej] **estudei**, [is'kola] **escola**, [izisti] **existe**, [si'gĩti] **siguinte** por **seguinte**, [prisi'zava] **pricisava** por **precisava**, [istabilisi'mẽtu] **istabilicimento** por **estabelecimento**, [mi'ʎo] **melhor**, [iskravu] **escravo**, [bi'bia] **bebia**, [mi'dida] **medida**, [avi'nida] **avenida**, [isgotu] **esgoto**, [is'trada] **estrada**, [sir'visu] **sirviçu** por **serviço**.

o > u ['matu] **matu** por **mato**, ['tẽpu] **tempu** por **tempo**, [mar'sɛlu] **Marcelu** por **Marcelo**, [mu'xia] **muria** por **morria**, ['ɛpuka] **épuca** por **época**, [xu'zaru] **ruzaru** por **rosário**, [fu'gãw] **fugão** por **fogão**, [ma'ridu] **maridu** por **marido**, [purtu'geʃ] **purtuguês** por **português**, ['zɛitu] **jeitu** por **jeito**, ['sertu] **certu** por **certo**, [prusi'sẽw] **prucissão** por **procissão**.

e nasalado ou oral > *i* nasalado: [ĩ'sĩnu] **insino** por **ensino**, [ĩ'baʃu] **imbaxo** por **embaixo**, [ĩ'tẽw] **intão** por **então**, [ĩ'pregu] **imprego** por **emprego**, [sĩmi'teriw] **šimitéro** por **cemitério**, [sĩmi'nariw] **šimináro** por **seminário** (4:36), [mĩnĩ'nada] **mĩnĩnada** por **meninada**, [mĩ'nĩnu] **mĩnĩno** por **menino**.

o nasalado ou oral > u nasalado: [akūti 'sia] **acunticia** por **acontecia**, [kū 'mɛ] **cūme** por **como é**, [dū 'mīgu] **dūmingo** por **domingo**.

Tal fenômeno, segundo Amaral (op. cit.: 48), se observa em quase todas as regiões do país, e também em Portugal, a partir do século XVIII, em que *e* era pronunciado como [i] e *o* era pronunciado como [u]. Ainda Cunha (1986:204) afirma que a alternância da pretônica **eí** e **o/u**, seja oral ou nasalado, é bem conhecida da língua portuguesa dos séculos XVI e XVII, fato este também registrado por Silva Neto (1963:172), pois já havia na língua exemplos como **custumi** por **costume**, **mininu** por **menino** e **intrar** por **entrar**.

Sobre esse acontecimento em sílaba átona final, D. Luis Caetano de Lima (1734), citado por Teyssier (1997:70), nos comprova que esse fenômeno ocorria no português europeu no período setecentista:

Note-se que as palavras que acabam em *-e* se devem pronunciar com um som escuro, mas não tão escuro como fazem os portugueses, os quais mudam quase o *-e* final em *-i*, e em lugar de pronunciarem *anche, pure, rumore, parlare, sentire*, pronunciam *anchi, puri, rumori, parlari* etc. (...) Note-se que a vogal o geralmente no fim das palavras tem som aberto, e não fechado ou escuro, como lhe dão ordinariamente os portugueses, equivocando-o com *-u*. (apud Teyssier, op. cit., p. 70)

Ainda encontramos mais indícios sobre este fato, em 1746, Luis Antônio Verney, claramente descreve:

Finalmente devo advertir a V.P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no meio, mas principalmente nos fins das dicções. V.g. *e* final, pronunciam como *i*, como em *dê-me, pôs-me* etc. Todo o *o* final acaba em *u*, v.g. em *tempo, como, buxo* etc., cujos nomes quem quer pronunciar a portuguesa deve acabar em *u*. (apud Teyssier, op. cit., p. 70)

Anterior ao século XVI, ocorreram certas intervenções entre **e** e **i**, **o** e **u**, que de acordo com Teyssier (op. cit.: 74) não devem ser confundidas com as alterações acima, pois estas ocorreram em época bem remota, tal como a seqüência **-i-i** que passou a **-e-i** e a seqüência **-u-u** que passou a **-o-u** (*dizia > dezia, futuro > foturo*) e a ocorrência do inverso, em que **-e-i** passou a **-i-i** e **-o-u** passou a **-u-u**, como em *menino > minino, fremosura > fremusura* e algumas palavras que tem **o** ou **i** pretônico e passaram a **u** e **i** como *logar > lugar, mehor > milhor, molher > mulher*. Acreditamos, entretanto, que estas intervenções só vem atestar que o levantamento das vogais **e** e **o** para **i** e **u** é algo que já vinha ocorrendo bem antes do século XVIII na língua portuguesa.

A existência, nos textos mais antigos, de um fonema /i/ átono final não pode dar margem para dúvidas. Encontra-se nos imperativos do tipo **vedi, parti**; nas primeiras pessoas do singular dos perfeitos fortes; ex.: **estivi, pudi**; nas segundas pessoas do singular de todos os perfeitos: ex.: **cantasti, partisti**; e em certas palavras como **longi, viinti, eiri** (“ontem”). Mas, no início do século XIV, todas essas formas apresentam um **-e** final: **vende, parte, estive, pude, cantaste, partiste** (Teyssier, 1997, p. 30).

No que se refere ao **-u** em lugar de **-o** são encontrados em textos mais antigos e alguns historiadores, conforme nos afirma Teyssier (op. cit.: idem) vêem neste fato a prova de que, desde essa época, o galego-português pronunciaria [u] os átonos finais, ortograficamente **-o**. Enquanto outros interpretam a grafia medieval em **-u** como latinismo ou como formas de traduzir um timbre muito fechado de **-o** final, como **avemus e canpu**. Para o autor, a segunda interpretação é mais plausível, “particularmente porque o galego moderno pronuncia sempre o **-o** átono final como [o] fechado”.

No português da Baixada Cuiabana, Santiago Almeida (op. cit., p. 277;280) encontrou tal fenômeno e ao confrontar os dados com os manuscritos do século XVIII, época das bandeiras, encontrou os seguintes exemplos desta ocorrência: *similhante(s), ifeito, idital, rial, despedicio, misiricordia, invio, miscilania, liais, epidímia, dispotico, descobrimento, descoberto(s), custume, rezulução, demulir* ao invés de *semelhante(s), efeito, edital, real, desperdício, misericórdia, envio, miscelânea, leais, epidemia, despótico, descobrimento, descoberto(s)*,

costume, resolução, demolir, respectivamente. Ilari e Basso (2006), também reforçam esse fato ao afirmarem que tal traço foi notado a partir do século XVIII (p.46).

No século XVI, o fato do *e* pretônico pronunciar-se como [i] não ocorria segundo Cornu (apud Silva Neto, 1979, p. 610), pois de acordo com o testemunho de D. Luís Caetano de Lima esta vogal pretônica era proferida com som de *e* fechado ainda na primeira metade do século XVIII. O testemunho de D. Jerónimo Contador de Argote (1725) é que no Algarve “ao **e** fechado pronúnciação como **i**, assim como **pedaço** dizem **pidaçõ**, e ao **i** pronúnciação como **e** fechado; assim **dizer** pronúnciação **dezer**”. Como se nota, o *e* fechado átono que atualmente, em Lisboa, é mudo, na primeira metade do século XVIII era pronunciado, enquanto em outros lugares, como no Algarve era pronunciado como **i**.

O *o* pretônico também resulta em uma série de flutuações e em *o* era pronunciado em Lisboa como **u** segundo exemplo citado por Silva Neto (op., cit, p. 611), Camilo Castelo Branco chegava a gravar **surriso** por **sorriso**.

Podemos dizer, ainda, que no português brasileiro tal fenômeno deve-se a uma tendência a harmonização vocálica em **e-i** > **i-i**, **e-u** > **i-u**, **o-i** > **u-i** e **o-u** > **u-u**, como observamos no português vilaboense: *filiz* por *feliz*, *midida* por *medida*, *siguro* por *seguro*, *bunito* por *bonito*, *gurdura* por *gordura*. Silva Neto (op. cit.: 612) acredita que a seqüência de um *i* ou de um *u* na sílaba seguinte seja uma condição fonética favorável, no entanto nem sempre válida, pois há registros em que não ocorre a harmonização.

Um apontamento interessante a esse respeito é nos voltarmos ao Latim Vulgar, o qual já mostrava que as vogais átonas tinham tendência para o fechamento e desde os primórdios a língua portuguesa também segue tal fato, como atestam os exemplos já com força expressiva para demonstrar esta ocorrência: *fogir* (< *fūgere*) > *fugir*, *molher* (< *mūliere*) > *mulher*, *vertude* (< *virtute*) < *virtude*, *carpẽteiro* > *carpinteiro* Silva Neto (idem).

Dessa forma é bem comum encontrarmos em textos medievais, quinhentistas e seiscentistas estas oscilações. Entretanto, em Lisboa, vários gramáticos do século XVIII aparecem censurando a pronúncia do **o** como **u**, mostrando que tal fenômeno era recorrente.

Outro dado sobre o **-e** e **-o** que passam, respectivamente, a **-i** e **-u** é levantado por Silva Neto (1979, p.117) quando este cita que no latim hispânico havia fixado formas como **octuber** por **october**, **nudu** por **nodu**, **elex** por **ilex**, **steva** por **stiva**, ou seja, naquela época já havia uma oscilação bem aparente na língua entre **e/i** e **o/u**.

O **-e** final pronunciado como **-i** em quase todas as regiões do Brasil, em Portugal, normalmente, ele cai como em **mont'**. Entretanto, o que se pode notar é que esse **-e** foi pronunciado como **-i** durante muito tempo no português europeu e ainda é pronúncia do Açoriano, do Madeirense e dos falares ultramarinos (Cabo Verde, Goa, Ceilão) e no Sul (Algarve e Alentejo), Beira Baixa e Norte (Entre Douro e Minho).

Outro fenômeno que já é conhecido várias regiões brasileiras é a monotongação dos ditongos **ai**, **ei** e **ou** encontrados no português vilaboense como segue:

aj > *a* → antes de *ʃ*: ['baʃu] **baxo** por **baixo**, [ka 'ʃɔw] **caxão** por **caixão** [ka 'ʃɔti] **caxote** por **caixote**, [ĩ 'baʃu] **imbaxo** por **embaixo**

*ej*² > *e* → antes de *r*, *ʃ* ou *ʒ*: ['keʒu] **quejo** por **queijo**, [ke 'ʒeru] **quejero** por **quejeiro**, ['bera] **bera** por **beira**, [be 'rɔnu] **berano** por **beirando**

ow > *o*: ['poku] **poco** por **pouco**, ['xopa] **rôpa** por **roupa**, ['loku] **loco** por **louco**, ['ota] **outra**.

Sobre a monotongação de **ei** afirma Santiago Almeida (op. cit.: 285) que, conforme deve ser dos fins do século XV ou do século XVI, provavelmente por influência do castelhano. Entretanto, antes de se apresentarem

² Interessante notar que em final de palavra o ditongo *ei* nunca é pronunciado como *e* (plantei, matei, cansei, lei) e em outros ambientes, diferentes dos descritos, também não ocorre nenhuma alteração, como é o caso de *ej* antes de *o* > *ej* (geralmente, com a queda do *o*): ['ʃej] *chei* por *cheio*, ['mej] *mei* por *meio*, ['vej] *vei* por *veio*.

estas formas com redução do ditongo notamos ser observadas já em documentos do século XIII, “mais exactamente, 1290: *enerro* ‘Janeiro’, *erederos*, *primero*.” (apud Maia, 1986:539).

Esse fenômeno podemos observar no português falado, de maneira geral, em todo o Brasil, bem como foi observado por Vasconcelos em Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, por Cruz em Odeleite, por Lopes da Silva em Cabo Verde e, na região do Algarve, por Nunes (Santiago Almeida, op cit.: 286).

Penha (apud Santiago Almeida, idem) também observa que esse fenômeno é um traço de língua antiga presente no falar rural de São Domingos, Minas. Concordando com esta afirmação temos Cunha (1986:211) que vê essa desnasalação como uma conservação de formas que se usava na língua arcaica literária.

Embora, Antônio Feliciano Castilho (apud Silva Neto, op. cit.: 614) esteja citando a pronúncia de **ei** por **âi**, podemos notar que nos arredores de Lisboa, os camponeses monotongavam o ditongo **ei**, assim como ocorria em outras regiões portuguesas:

Quem mo fez notar foi o meu amigo Sr. Eduardo Napoleão e Silva,... Com efeito, o E antes do I (segundo a pronúncia da Capital e de muitas outras partes do Reino) é quase sempre, talvez sempre, **ÂI**. No Alentejo e noutras províncias difere. Os camponeses dos arredores de Lisboa Pronunciam-no como E, e suprimem o I; dizem *mantêga* em lugar de *manteiga*; e nós *mantaiça*” (destaque meu).

No que se refere a monotongação de **ei**, Teyssier (op. cit., p. 77) afirma ser difícil determinar quando começou, pois enquanto em algumas regiões lusitanas estes se mantiveram e se mantêm até hoje, enquanto em outras não. Mas, no século XVIII, tal fato já fazia parte até da caracterização de algumas personagens que representavam o Alentejo e conforme nos relata o autor, essa inovação ocorreu na parte sul de Portugal.

Também sobre a monotongação de forma geral (de **ai**, **ei** e **ou**), Cunha (1986, p. 210-211) afirma que não se pode a grosso modo considera-la como uma inovação realizada no português do Brasil, mas como uma conservação de um fenômeno que já ocorria na fase arcaica da língua portuguesa em geral, pois os exemplos retirados de textos setecentistas como **Os Lusíadas**, *baxa* e *peixe*, confirmam a sua existência anterior a chegada dos colonizadores em nosso país. Santiago Almeida (op. cit. p. 282;286), ainda nos traz dois exemplos também encontrados em manuscritos setecentistas, *baxoz* e *bachos*, *poco*.

A monotongação do ditongo **ou** para **o** já era registrada em documentos do século XV e XVI, assim como em textos do fim do século XIII e princípio do XIV e é considerado por Maia (apud Santiago Almeida, op. cit.: 286) como o resultado de influência castelhana e Cunha (1986, p. 211) afirma ainda que este fenômeno é comum no português brasileiro e desde o século XVII também no português europeu, o que concorda com Cintra (apud Santiago Almeida, idem), em **Estudos de dialectologia portuguesa**, quando este trata deste ditongo do ponto de vista sincrônico e diacrônico.

A redução do ditongo [ɔw], representado ortograficamente como **-ão** e **-am**, nos verbos (terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo e terceira pessoa do presente do indicativo) e em alguns vocábulos com a mesma terminação, para **-o** pronunciado como [u] como segue: [fi'kaɾu] **ficaro** por **ficaram**, [ti'raɾu] **tiraru** por **tiraram**, [dismã'ʃaɾu] **dismancharo** por **dismancharam**, [pu'zɛɾu] **pusero** por **puseram**, [de'ʃaɾu] **dexaro** por **deixaram**, [ʃɛ'maɾu] **chamaro** por **chamaram**, [fi'zɛɾu] **fizero** por **fizeram**, [kũme'saɾu] **cumeçaru** por **começaram**, [ka'baɾu] **cabaru** por **acabaram**, [ma'taɾu] **mataru** por **mataram**, [vi'ɛɾu] **vieru** por **vieram**, [mo'xɛɾu] **morreru** por **morreram**, [de'ʃaɾu] **dexaru** por **deixaram**, [ti'raɾu] **tiraru** por **tiraram**, [tõ'maɾu] **tomaru** por **tomaram**.

Os fenômenos que ocorrem com o ditongo nasal e com a desnasalização é relatado por Silva Neto (op. cit.: 623) como sendo conhecido em todo o território lusitano como se observa nos vocábulos **orfo** (órfão), **Estevo** (Estevão), **Cristóvo** (Cristóvão), paralelas a exemplos de evolução histórica como **frango** ao invés de **frangão** (forma arcaica), **Faro** ao invés de **Farão** (forma antiga).

Já no início do século XVIII, Madureira Feijó, gramático, censurava as formas **omes**, **Estevo**, **órfo**, mostrando que tal pronúncia era comum naquela época.

3.3.4 Consoantes

Outra alteração é a manutenção do fenômeno que ocorre com **lũa** (forma usada no século XVI, e em falares portugueses atuais) conforme observamos do latim ao português: **luna** > **lũa** > **lua**. Da mesma forma se deu **una** > **ũa** > **uma**. Conforme o que nos mostra Silva Neto (1979, p. 624) “... no crioulo guineense há **pomes**, de **pões**, isto é, **pães**, em ceilonês ocorre **lumara**, de **lũar**, no alentejano ocorre **jumar**, de **(je)jũar** e, finalmente, também na ilha da Madeira existe **luma**, de **lũa**”.

Na evolução histórica do latim para o português temos o desabarcamento do **-n-** intervocálico provavelmente no século XI após ter nasalizado a vogal que a precedia. Daí, como resultado, tivemos a formação de vários hiatos, como nos exemplifica Teyssier (1997, p. 34) **vão** (<**vinu**) e **mão** (< **manu**), “pronunciados **vi-o** e **mã-o**”. Todavia, por serem instáveis, tais hiatos serão posteriormente eliminados pelo desenvolvimento da nasal [ɲ], como ocorreu com **pinho** por **pĩ-o** e em textos medievais já é possível comprovar essa ocorrência. Mas, ainda no século XVI é possível notar que alguns hiatos só desapareceram posteriormente como o caso se **ũa** (ortograficamente **hũa**), que passa a **uma** e sua forma se generaliza graficamente no século XVIII.

Na Cidade de Goiás encontramos os seguintes exemplos que permitem verificar que o fenômeno que ocorria com as nasais ainda no século XI é recorrente: a) não pronúncia do [ɲ] entre os grupos vocálicos **-inha** e **-inho**, que se tornam **-ĩ-a** e **-ĩ-o**, que passa a **-ĩ**, com apócope do **-o**. A função desta consoante [ɲ], neste contexto é a de apenas nasalizar a vogal que a antecede: [ˈmĩa] **mĩa** por **minha**, [ˈtĩa] **fiã** por **tinha**, [ʃaˈkrĩa] **chacfiã** por **chacrinha**, [ˈvĩa] **vĩa** por **vinha**, [pɔɾˈtĩa] **porfiã** por **portinha**, [poˈkĩ] **poquin** por **pouquinho**, [boˈlĩ] **bolin** por **bolinho**, [viˈzĩ] **vizin** por **vizinho**, [suˈbrĩ] **subrin** por **sobrinho**, [b] não pronúncia do **-m-** entre o grupo vocálico **u-a**, o qual, como vimos, permaneceu até o século XVIII: [ˈũa] **uma**, [ˈũas] **uma**, [ˈnũa] **numa**, [ˈdũa] **duma**.

Em documentos do século XVIII há registro das formas sincopada de *uma* e *alguma*: *huã*, *alguã*, etc. (Santiago Almeida, op. cit, 291)

Com esse mesmo comportamento Penha (1970, p. 183-187) registra essa consoante na linguagem rural de São Domingos, sul de Minas Gerais, imprimindo-lhe caráter antigo, por ser um recurso bastante utilizado em textos antigos, como por exemplo em *Os Lusíadas* de Luís de Camões, V.64: “Palavra sua **algũa** lhe alcançarão ()”; e no *Teatro de Gil Vicente*, editado por Antônio José Saraiva, pág. 289: “Eu quero **ũa** pucarinha pequenina para mel”.

As pronúncias populares e regionais de **ũa** e **algũa** eram, conforme Cunha (1986:206), as da própria língua culta nos séculos XVI e XVIII, documentadas por exemplo nas obras de Camões e Gregório de Matos. (Santiago Almeida, op. cit.: 292)

O fenômeno acima também é relatado por Silva Neto (op. cit., p. 627) que afirma que nos crioulos portugueses de base africana ocorre o mesmo fenômeno: Cabo Verde (**camim/caminho**, **vim/vinho**); São Tomé (**pombim** por **pombinho**); Ilha do Príncipe (**padrim** por **padrinho**) entre outros.

Tal fato ocorre similarmente no Ceará, ou seja, o **-inho** passa a **-io** e posteriormente a **-ĩ** e na pronúncia do Nordeste esse isso também se confirma, ou seja, a palatal nasal **nh**, nasaliza a vogal que a antecede e em seu lugar desenvolve-se o assilábico [j]. Também encontramos este fenômeno na fala vilaboense, entretanto, alguns exemplos não serão enumerados pelo fato de aparecerem na fala de alguns dos entrevistados que não fazem parte do *corpus* principal, mas que são muito interessantes: [ʒˈtõj] ou [ˈtõj] **Antõĩ** ou **Tõĩ** por **Antônio** (pronunciado popularmente como **Antonho**), [dẽˈmõj] **demõĩ** por **demônio** (pronunciado popularmente como **demonho**), [ˈlẽja] **lẽia** por **lenha**, [ĩˈzẽj] **ingen** por **engenho**.

Dessa forma, percebemos que o fenômeno acima não se restringe apenas aos grupos **-inho** e **-inha**, mas também ocorre com **-onho**, **-enha**, **-enho**, como ocorre em [ˈbẽj] **banho**, [pẽjˈava] **panhava**, [kũjˈsia] **conhecia**, [kũjˈɛsi] **conhece**.

Silva Neto (1979, p. 117) ao falar de traços que se fixaram no latim hispânico cita **-nd-** > **-nn-**, **-mb-** > **-mm-** e afirma que este se liga, claramente, ao mosaico da dialetologia itálica. Mas, logo à frente (Silva Neto, op. cit.: 629) trata a redução de **nd** e **mb** a **n** e **m**, assim como a passagem do **l** a **r**, a iotização (iodização) do **lh** [ʎ], a supressão do **-r** e **-l** finais, como vulgarismos.

Tais fenômenos ocorrem no português vilaboense e concordamos com Castilho (2000, p. 238) e outros autores, que tratam tais fenômenos como pertencentes ao português quinhentista e Penha (op. cit) como sendo traços do português de períodos antigos, pois o autor nos informa vários documentos do século XVI, XVII e XVIII em que estes ocorrem.

Redução de **nd** e **mb** a **n** e **m**: [ˈĩnu] **inu** por **indo**, [ˈvẽnu] **venu** por **vendo**, [faˈlõnu] **falano** por **falando**, [suˈbĩnu] **subino** por **subindo**, [fiˈkõnu] **ficano** por **ficando**, [faˈzẽnu] **fazeno** por **fazendo**, [ʃĩˈgõnu] **xingano** por **xingando**, [moˈrõnu] **morano** por **morando**, [paˈsõnu] **passano** por **passando**, [brĩˈkõnu] **brincano** por **brincando**, [kaˈbõnu] **cabano** por **acabando**, [krɛˈsẽnu] **crescenu** por **crescendo**, [faˈzẽnu] **fazenu** por **fazendo**, [asisˈtĩnu] **assistino** por **assistindo**, [ʃoˈrõnu] **chorano** por **chorando**, [keˈbrõnu] **quebrano** por **quebrando**, [iskɛˈsẽnu] **isqueceno** por **esquecendo**.

Rotacismo do **l** a **r**: [vɔrˈta] **vortá** por **voltar**, [pesuˈar] **pessuar** por **pessoal**, [karsaˈmẽtu] **carçamento** por **calçamento**, [karˈsada] **carçada** por **calçada**, [marˈdadi] **mardadi** por **maldade**, [ˈpraka] **praca** por **placa**, [vɔrˈto], [arkẽˈso] **arcançô** por **alcançou**, [arkẽˈsej] **arcancei** por **alcançei**, [prẽˈtava] **prantava** por **plantava**.

A passagem de **L** a **R** no grupo formado por consoante + **L** é destacada por Huber (1933:143) em sua gramática do português antigo. Da mesma forma Penha (1970:33), em sua tese, confere que esse é um fenômeno do português antigo que se repete em falares interioranos no Brasil. Embora esse fato seja registrado por Vasconcelos em *Esquisse* (1901), que o identifica explicitamente como traço de variantes regionais do português brasileiro, em especial do português caipira descrito por Amaral (1976:52), Cunha (1986:211) lembra que o rotacismo **L** > **R** representa uma tendência românica muito difundida, tendo sido mesmo uma evolução normal dos grupos de **L** do latim para o português, tais como as formas arcaicas *craro*, de *claru*, e *fror* ou *frol*, de *flore*". (Santiago Almeida, op. cit. 305)

Iotização (iodização) do **lh** [ʎ]: [muˈj ɛ] **muié** por **mulher**, [ˈpaːja] **paia** por **palha**, [ˈfiːj] **fii** por **filho**, [ˈmiːju] **miio** por **milho**, [kẽˈgaːja] **cangaia** por **cangalha**, [ˈvɛja] **véia** por **velha**. Tal fenômeno é mencionado por Amaral (op. Cit., p. 53) e é semelhante ao que ocorre na França, em Cuba e na Argentina, onde desde o século XVIII há uma tendência de pronunciar o **l** molhado³ como /j/, como ocorre em **batáie** = **batalle** (Fr.)

Supressão do **-r** finais: [kaxɛˈga] **carregá** por **carregar**, [ˈvɛ] **vê** por **ver**, [ˈsɛ] **sê** por **ser**, [faˈzɛ] **faze** por **fazer**, [axũˈma] **arrumá** por **arrumar**, [dɛˈʃa] **dexá** por **deixar**, [laˈva] **lava** por **lavar**. A pronúncia de uma vogal interposta em certos grupos consonantais, foi documentada por Gonçalves Dias ao escandir **adimirar** e **obiservar** (com quatro sílabas) ao invés de **admirar** e **observar**. Atualmente, observamos tal fenômeno – acréscimo de fonema no meio da palavra - no português vilaboense como segue: [adɛvɔˈgadu] **adevogado** por **advogado**, [obisɛrˈvõnu] **obiservanu** por **observando**.

Sabendo disso, podemos nos voltar para o que ocorre com os vocábulos **parte**, **gente**, **onde**, **dentro** e **muito**. Tais vocábulos são pronunciados, geralmente, como **parti**, **genti**, **ondi**, **dentu** (ou **dentru**) e **muitu**.

Encontramos no **corpus** apócope de toda a sílaba átona final destes vocábulos quando antes de outro vocábulo que inicie com oclusiva /t/ e /d/, como ocorre nos exemplos abaixo:

Gente > **Gen'**

³ l molhado = ʎ

us 'povu da 'xosa nũ misturava kũ 'zẽ da sidadi
J: ... () us povo da roça num misturava cum gen' da cidade (4:263)

a'keli ka'ʃãw ka'bia 'zẽ di kwaw'ke tã'mãj
J: aquele caxão () cabia gen' de qualqué tamain ... (4:471)

'tẽj movi'mẽtu di'majs 'tẽj 'zẽ di'majs
tem movimento dimais... tem gen'¹ dimais ...

Dentro > den'

dẽ da si'dadi kwãdera 'zovi ne
den' da cidade quand'era jove né?... (2:65)

de'ʃa 'po is'gotu 'dẽ da si'dadi a'i a'ki 'e 'sẽtru a'i i 'kaza
dexá pô isgoto den' da cidade aí aqui é centro aí in casa (2:724)

da'kelas grãdi ma'dera i 'podri la di 'dẽ pũ'nela 'dẽ da'kela
daquelas gran'de madera e () podre lá de den' () punh'ela den' daquela (4:314)

mu'xja 'zẽti 'põbri a'i 'puņa dẽ da'keli ka'ʃãw le'vava
... murria gente pobre aí punha den'daquele caxão... levava ... (4:474)

ĩ'tãw us 'põbri i 'pretu nũ pu'dja la dẽ so 'zẽti 'xiku
S: ... intão os pobre e preto num podia ... lá den' só gente rico (5:260)

Perto > per'

a'li 'per da'keli dõ a'beli tĩ'ũa i'greza veja ʃã'mada i'greza di
J: ali per' daquele dom abeli ... tinh' uma igreja véia chamada igreja de... (4:411)

u 'sĩni goj'ajs u 'sĩni goj'ajs 'per du ko'xej i 'tĩa
J: o cine goiais ... o cine Goiais per' do correi ... e tĩa (4:447)

Parte > par'

maj'o par du'zosu 'elis 'pũņa i'sĩma du kar'geru tĩ'ũ maió par'
duzosso eles punha incima du carguero ... tĩ'um (4:602)

O que podemos notar é que este fenômeno une o fato de ocorrer em sílaba átona com o contexto que é foneticamente favorável por apresentar um vocábulo que se segue com sílaba tônica inicial e consoantes oclusivas, as quais terminam as sílabas dos vocábulos em questão (**parte, gente, onde, dentro**). Também podemos retomar a questão da lei fonética que diz que as mudanças, geralmente, ocorrem em sílabas átonas e não em sílabas tônicas, as quais tem base na lei da permanência da sílaba tônica, desde a passagem do latim para o português, o que pode provocar, em consequência, a queda da sílaba átona.

De forma geral, em textos antigos e mesmo em livros literários do período quinhentista ao setecentista, percebe-se que a queda das sílabas tônicas era normal, como podemos exemplificar com escritos de Luiz Vaz de Camões.

¹ gen' < gente

4. Conclusão

Ao levarmos em consideração a situação lingüística de nosso país, percebemos que o português só passou a ser vastamente falado por volta de 1532 com a criação das capitânicas hereditárias e que temos ainda um outro período, considerado por Castilho (op. cit. 235) como uma segunda relusitanização, época em que vieram muitos portugueses para o Brasil, especialmente para o Rio de Janeiro. Cunha (1986:202-204) reafirma isso e ainda afirma que “desde a chegada dos portugueses no século XVI avançando pelos séculos XVII e XVIII é certo que vieram indivíduos das distintas regiões de Portugal, que naturalmente falavam a língua do seu tempo, com matizes mais conservadores ou mais inovadores conforme as áreas de procedência” (Santiago Almeida, op. cit.: p. 309).

Vale ressaltar aqui que, o português vilaboense não é ou não permanece igual aquela variante que chegou no século das bandeiras, nem tão pouco é cópia de qualquer outro momento da língua, tal como o período arcaico. Entretanto, o que percebemos, com este trabalho, é que ainda ocorre a conservação de traços do português antigo.

Nosso país, ao longo destes séculos que precederam ao descobrimento teve “condições socioculturais no Brasil foram mais propícias à conservação do que a renovação. Isto, no dizer de Cunha (idem), é “de uma evidência que dispensa maior comprovação”, porque tendo vivido mais de trezentos anos sem contato duradouro com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, e com pouquíssimas escolas, o Brasil foi alcançando nesse vasto período algumas das etapas que conseqüentemente levam os povos aos “estados lingüísticos paralisantes” (Santiago Almeida, op. cit.: 307)

Especificamente, no que se refere a Cidade de Goiás, a qual foi fundada no período do ciclo do ouro e que está fincada no sopé da Serra Dourada, com vários morros ao seu redor, as condições socioculturais eram semelhantes ao descrito acima e para completar no período de decadência do ouro muitas localidades que viviam da extração daquele minério ficaram insuladas – sem muita ligação com os grandes centros – o que possibilitou que a antiga capital do Estado de Goiás mantivesse traços de sua cultura antiga, bem como permanecesse “seus costumes, manifestações culturais e religiosas e, conseqüentemente, com a variante lingüística próxima da daquele tempo. Esse estado, chamado por Cunha (1986:203), de “imobilismo cultural”. Isto contribuiu conosco na medida em que percebemos a permanência de “alguns traços do aspecto fonológico pertencentes a estágios antigos da língua portuguesa – do arcaico ao século XVIII –, quase todos comuns também no português popular falado no Brasil” (Santiago Almeida, op. cit.:308).

Observamos, após descrever a fala dos idosos vilaboenses, que alguns fenômenos como, o rotacismo, a queda de **r** e **l** em final de palavras, a iodização, a monotongação de **ou**, **ei**, **ai**, ainda fazem parte do cotidiano daquela gente, que expressa através de sua linguagem as experiências que a vida lhes proporcionou.

Assim, não tivemos aqui, a intenção de discutir e encerrar o assunto acerca de nossa pesquisa, pois ainda encontra vigor e folêgo para que possamos dar-lhe continuidade e corroborando com as idéias de Tarallo (1990):

Do túnel, entretanto, não poderemos sair. Nossa língua-mãe, o português, dentro dele nos aprisiona e nos cativa; através dela, essa “última flor do Lácio, inculta e bela”, nos expressamos, falando ou escrevendo. E além disso, quão estimulante é a simples constatação de que, em um futuro remoto, nós também seremos visitados por novos aventureiros, mas, como nós, eternos apaixonados pelo funcionamento desse sistema de comunicação. Presos e cativos estamos, sim, mas livres para variar e mudar esse sistema em novas formas e novas funções. Enfim, libertos para a materialização do português em *linguagem*.

5. Referências Bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**, 3.^a edição, São Paulo: HUCITEC, 1978.
- BRASIL, Americano do. **Súmula de História de Goiás**. 2 ed. Goiânia: Dep. Estadual de Cultura, 1961.
- BUESCU, Maria Leonor CARvalho. **Historiografia da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1984.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso . **História e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1975.
- Carneiro, Luciane S. de Souza. **Cidade de Goiás: Uma perspectiva lingüística histórica**. Goiânia: Departamento de Letras, UFG, 2004. Dissertação de Mestrado
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 5.^a edição, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- _____. **Pontos de Gramática histórica**. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- ELIA, Silvio. **Orientações da lingüística moderna**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- ILARI, R. e BASSOS, R. **O português da gente – a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LYONS, J. **Introdução à lingüística teórica**. Trad. R.V. Mattos & H. Pimental. São Paulo: Cia Editora Nacional/Edusp, 1979.
- MATTOS e SILVA, R. V. **O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MELO, Gladstone Chaves de : **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- MELO, Gladstone Chaves de. **A língua no Brasil**. 3. ed. Melh. E aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.
- MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. **Introdução à lingüística românica**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PÁDUA, Hosamis R.). **Considerações lingüísticas e históricas da região de Niquelândia-Goiás**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Departamento de Letras, UFG, 2000.
- PAIVA, Dulce de Faria. **História da língua portuguesa II – Séculos XV e meados do século XVI**. São Paulo: Ática, 1988.
- PALACIN, Luiz & MORAES, Maria Augusta Sant' Anna (1975). **História de Goiás**. Goiânia: UFG.
- PENHA, João Alves Pereira. **A arcaicidade da língua popular brasileira**, Franca: Tese de Doutorado – FFLCH, 1970.
- PENHA, João Alves Pereira. **Traços arcaicos do português popular do Brasil**. Franca: Editora Iguatemi, 1971.
- PINTO, Rolando Morel. **História da língua portuguesa IV – Século XVIII**, São Paulo: Ática, 1988.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. mel. aum. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANTIAGO ALMEIDA, M. M. **Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)**. São Paulo: USP, 2000. Tese de doutorado.

SILVA JUNIOR, Pacheco. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1878. (mimeo)

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais portugueses e seus problemas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. **Manual de filologia portuguesa. 2. ed.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. **A língua portuguesa no Brasil**, Lisboa, 1960.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**, 2 ed.. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOUZA, C. De & CARNEIRO, M^a E. F. (1996). **Retrospectiva histórica de Goiás – da Colônia à atualidade**. Goiânia: Livraria Cultura Goiana.

SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa III**. Segunda metade do século XVI e Século XVII. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa**, São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, Fernando. **Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além- mar ao final do século XIX**. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). **Português Brasileiro – uma viagem diacrônica**. Campinas: Unicamp, 1993.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**, 7 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1997.

VASCONCELOS, José Leite de. **Textos arcaicos**, 5 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922.

_____. **Lições de Filologia Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.